



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÉA MARIA CHAVES LINHARES II  
(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-126

**Entrevistada:** Léa Maria Chaves Linhares

**Nascimento:** 19/01/1952

**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS

**Entrevistadora:** Ana Paula Duarte

**Data da entrevista:** 12/08/2005

**Transcrição:** Alan Wasum da Silva

**Conferência Fidelidade:**

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Total de gravação:** 22 minutos e 24 segundos

**Páginas Digitadas:** 12

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

LINHARES, Léa Maria Chaves. *Léa Linhares II (depoimento, 2005)*.  
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE –  
ESEF/UFRGS, 2011.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o judô: locais onde praticava, porque da escolha pelo esporte; apoio e dificuldades encontrados; professores com quem treinava; apoio e restrições da família; divulgação na mídia; envolvimento enquanto professora de judô; como eram os treinamentos; filosofia do judô; preconceito; opinião sobre o porquê de praticar judô.

Porto Alegre, 17 de agosto de 2005. Entrevista com Léa Linhares, a cargo da entrevistadora Ana Paula Duarte, para o projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.D. – Então Léa, eu queria agradecer você por estar aqui e gostaria de saber como é que tu começaste no judô, quem era o teu professor, o local da tua prática?

L.L. – Bom, eu comecei em 1965, no colégio Irmão Pedro, que é na Félix da Cunha. O professor foi lá e ofereceu as aulas para as meninas. Era masculino e feminino. Aí na época entraram umas dezoito meninas e, dessas dezoito, só sobrou eu, no final de um ano. Na época, eu tinha treze anos e era muito caro, não tinha como pagar. E eu sempre gostei de esporte, gostava muito de bola. Eu gostava muito de judô porque eu acho que sempre combinou mais com o meu estilo, apesar de todo mundo achar que eu tenho pernas apenas. Eu não tenho [risos]. Mas aí começamos a prática no colégio. Com o tempo, ele conseguiu um “Dojo”<sup>1</sup> na Sociedade Bangalheiros<sup>2</sup>, e aí passamos para o Bangalheiros, que era na Avenida São Paulo. Até era o presidente Aloísio<sup>3</sup>, que foi vereador mais tarde, patrono da câmara de vereadores. A Câmara se chama Aloísio Filho. E ali eu comecei, e fui até de 1965 a 1970, com dezoito anos.

A.D. – Por que tu escolheste o judô? Qual o significado dele na tua vida?

L.L. – Olha, na época eu escolhi porque sempre gostei. Eu via na televisão aquele programa, Maldosura<sup>4</sup>, uma coisa assim. Um programa que era no canal 5. E ela fez uma vez um “kata”<sup>5</sup>, e eu olhando aquilo. Eu gostava de luta, desde ali eu fiquei: “Ah, então mulher pratica. Eu quero praticar judô”. Na época, o esporte não era como agora, acessível, inclusive espaços pagos... Aonde tu quiseses praticar se tu vais, tu procuras, tu encontras. Era muito difícil, era só para a elite, era em clube. Em um clube não era qualquer um que podia pagar uma mensalidade. E na época os maiores clubes eram o Clube Gaúcho<sup>6</sup>, a

---

<sup>1</sup> Local onde se treina.

<sup>2</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>3</sup> José Aloísio Filho.

<sup>4</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>5</sup> Um conjunto de movimentos de ataque e defesa.

<sup>6</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

Sogipa<sup>7</sup>, o União<sup>8</sup>. O União que começou com o sócio-atleta, que aí tu entravas, praticava o esporte e não pagava nada. Então, tu tinhas todo o acesso no clube. Hoje não. Hoje, qualquer comunidade tem parentes, tem o próprio Estado, o Governo que patrocina. Os atletas depois quando se dão bem já estão patrocinados. Mas na época não era. E eu era muito pobre. Eu não tinha condições nenhuma. Quando surgiu no colégio para os alunos, eu disse: “É aqui que eu vou. É bem o que eu quero”. Era bem o que eu gostava. Até o “quimono”<sup>9</sup> eu ganhei. Depois eu tive pais de alunos, que um era comandante da Varig<sup>10</sup>. Ele ia seguido para o Japão, tudo. Ele trazia um monte de coisas para mim de presente. Quando eu ganhei a faixa preta, ele trouxe um “quimono” do Japão para mim. Então, o pessoal incentivava. Porque era difícil mulher. E depois, eu dando aula para os pequenos também. Então, os pais ficavam agradecidos. Eu tinha muita bondade nesse sentido.

A.D. – A Federação Gaúcha de Judô foi fundada em 1970, quase que junto com o fim da tua prática. E como que era o apoio da Federação de Pugilismo?

L.L. – O apoio que eles me deram foi o possível na época. Inclusive quando eu fiz o exame de faixa preta o presidente de pugilismo que era o Ricardo Gaston<sup>11</sup> mandou toda a documentação para a Federação de Pugilismo no Rio de Janeiro. Foi negado, por causa daquele decreto. Então, não podia, não aceitaram. Voltou tudo. Aí foi criada a Federação de Judô, sendo o Gaston o primeiro presidente. Foi por muitos anos até pelo que eu sei. Aí, em 1974, 1975, eu estava trabalhando, ele me ligou: “Léa vem aqui. Traz tudo. Vamos entrar de novo”. Eu disse: “Ah não, agora não. Agora já estou velha, não quero mais saber de judô”. Quando eu queria não tive apoio quase que nenhum. Porque não tinha também como fazer. No caso dele, ele me deu. Então, na época os apoios eram pessoais. Eu posso dizer que, ele como entidade, me deu muito apoio. Mas assim, vocês vivem no meio e sabem que existem muito ciúmes, muita coisa para, às vezes, puxar o tapete da gente. Então, não podia tapar com todo mundo. Mas de alguns colegas tive bastante apoio.

---

<sup>7</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>8</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>9</sup> Vestimenta do Judô.

<sup>10</sup> Companhia Aérea.

<sup>11</sup> Ricardo Rodrigues Gaston.

Inclusive me deram aulas: professor Joésio<sup>12</sup>, tinha um japonês, o Watanado<sup>13</sup>, que me deu aula. O Grácio<sup>14</sup>, vocês já ouviram falar? Não sei que fim levou. Ele tinha um aluno, eu não sei o nome, mas nós chamávamos de Fraga<sup>15</sup>. Esses me deram muita aula para o exame de faixa preta, para me preparar bem e tudo.

Desconhecida 1<sup>16</sup> – Fraga? Um que joga bola?

L.L. – Não sei se joga, mas é um bem clarinho...

Desconhecida 1 – Ah! Antes do Serjão<sup>17</sup> foi ele que me deu aula!

L.L. – E era na Independência ali. Ali na Ipiranga?

Desconhecida 1 – Isso. Porque antes de entrar na academia, eu treinei três a quatro meses. Quer dizer, os primeiros rolamentos. Aí foi quando a minha mãe me perguntou se eu queria entrar no judô na academia.

L.L. – É o Fraga era do professor Grácio.

A.D. – E vocês não contaram nada?

L.L. – Eu nunca mais vi esse homem, nunca mais. O Grácio tinha equipes que ganhavam vários campeonatos. Tinha gente boa ali onde eu fazia as competições. E ele levantava vários campeonatos. E ele era faixa marrom na época, quando ele me deu aula para eu fazer o exame para preta.

A.D. – Tu tiveste o apoio dos pais? Como que tu vias a reação dos colegas?

---

<sup>12</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>13</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>14</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>15</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>16</sup> Eliane Pintanel Teixeira Prondrynski ou Iara Mary da Cunha Pazos.

<sup>17</sup> Nome sujeito à confirmação.

L.L. – A minha mãe sempre me apoiou em tudo. Ela foi criada com o pai. Mas a minha mãe sempre me apoiou em tudo, eu sempre fui muito determinada, eu sempre fui: “Eu quero isso!”, e eu fico voltada para aquilo. Tanto é que, como eu fui muito pobre: “Vou trabalhar, vou estudar. No dia que eu puder vou fazer uma faculdade”. Não podia pagar para mim e tudo. De fato, fui entrar na faculdade com tinha trinta e poucos anos. Quanto aos familiares, muitos vinham com aquela restrição e vocês sabem, aquela parte da sexualidade, que na época... Se hoje ainda tem, na época era muito mais. Então, já viam com outros olhos. Depois, quando eu tirei a faixa preta, aí aquela coisa, saiu no jornal, “a primeira faixa preta da Região Sul”, aí todo mundo: “Ah, essa é minha sobrinha”, mas antes nem me conheciam, nem queriam saber. Muito pelo contrário até: “O que tu queres com isso? O que tu vai levar com isso?” Poxa, eu sei que não vou ganhar nada. Não vou fazer disso a profissão. Como hoje, tu entras, tu não pretendes. Mas nem sabia se dava, se não dava para a coisa. Aí casualmente eu fiquei daquela turma toda e consegui tirar a preta. E eu sou assim, sou voltada para aquilo: “Já que eu posso, agora vou até o fim”. E acabei largando porque prevalece... Na época, financeiramente, eu não ganhava quase nada. Se tinha aluno, ganhava, se não tinha, não ganhava. Aí comecei a trabalhar, fiz concurso e fiquei na carreira de profissional, e graças a Deus me dei bem. Os meus objetivos eu consegui e me considero uma mulher realizada, graças a Deus.

A.D. – Analisando eu acho que, por esse entendimento de tu não poderes praticar judô em competições, não ter competição, é claro que desmotiva. E eu gostaria de saber, se fosse uma realidade diferente, se tivesse a oportunidade de competir, de continuar no judô, tu terias vontade de trabalhar e ao mesmo tempo conciliar o judô, tu farias essa força pelo judô?

L.L. – Faria. Com certeza eu faria. Na época, eu era uma estudiosa de judô. Tanto é que eu fiquei tão desiludida, que eu apaguei anos e anos da minha vida, e chegar ao ponto de negar, de esconder uma coisa que foi muito legal na tua vida. Mas eu neguei, em muitos e muitos anos eu neguei. Até minha filha quando pede: “mãe conta”. Às vezes, eu falando com alguém ainda escuto: “ah não, esquece”. Hoje ainda tem os seus problemas financeiros, mas até em função de governo de acusamento político no esporte. Na época era, mas eu não via saída, não tinha isso. Hoje não, hoje é mais fácil lutar pelas coisas. E antigamente não, antigamente até os próprios colegas...

A.D. – Até pelo histórico da mulher na política, não é?

L.L. – Isso. Tudo é muito difícil para mulher depois. Tu vê, eu sou apaixonada por esporte. Depois das minhas aulas, eu ia jogar futebol de salão com os meus alunos. Eu sou uma mulher esportista. Então, é claro que eu ia para parte de conciliar a coisa e continuar. Ia ter o meu lado profissional, mas, se hoje eu faço uma musculação, a minha caminhada, como é que eu não vou conseguir fazer o judô? Tanto é que vocês estão me animando.

A.D. – Como que era a divulgação. Como é que tu vias a divulgação na mídia na época?

L.L. – Nós tínhamos uma grande divulgação na época. Que até o meu professor era muito chato. Ele era um “cri-cri”, uma pessoa assim que chegava ali: “bah, lá vem aquele cara, fecha tudo.” Como não tinha repórter, eu fazia as notas dos campeonatos e mandava. Quando terminava o campeonato, dez, onze horas da noite, ia lá no domingo deixava no Correio do Povo<sup>18</sup>. O Correio do Povo na época era a RBS<sup>19</sup> atual. Então, ia lá e deixava. Na época era o José Vitorino<sup>20</sup> o repórter. Tinha também um professor, o professor Jorge Aveline, do Jornal do Comércio. Então, nós mesmos fazíamos as notas, montava os resultados dos campeonatos e entregava no outro dia e saía. Então, nós tínhamos amigos dentro da imprensa. Eu dei aula em televisão, na época do canal 5. Esses dias também, eu vi uma entrevista do Antonio Gabriel<sup>21</sup> na televisão. Ele também me entrevistou. Então, a gente tinha sim, até por amizade. A mídia então dava bastante enfoque. Tanto é que era aquele monte de reportagens. De vez em quando não tinha campeonato, não tinha nada o professor ia lá: “Vamos mexer, vamos tirar fotos”, e saía uma notinha. Sempre tinha alguma coisa.

A.D. – Esses campeonatos que tu fala, são os campeonatos dos meninos que tu davas aula?

L.L. – Isso. Ensinava os meninos.

---

<sup>18</sup> Jornal de Porto Alegre.

<sup>19</sup> Redes Brasil Sul. Rede de comunicação que abrange os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>21</sup> Nome sujeito à confirmação.

A.D. – E tu podias atuar como técnica e como árbitra?

L.L. – Como técnica e como árbitra. Quando não tinha competição feminina, eu ia como árbitra.

A.D. – E como que era essa atuação, tu gostava de estar lá?

L.L. – Sim, gostava. Eu vivia o judô na época. Então, eu não comecei a trabalhar, eu vivia judô. E como eu era estudante na época, estudava, saía do colégio, almoçava e ia para o “Dojo”. Então vivia o judô. E não tinha hora, ia até a noite treinando quando podia treinar. E eram todos os dias isso.

A.D. – Referente à primeira turma que tu começaste o judô, das meninas, teve alguma que tu mantiveste contato por algum tempo depois?

L.L. – Sim, teve. Teve uma que eu até fiz uma boa amizade com ela, depois a gente acaba casando, acaba mudando de bairro. E a gente vai deixando. Aí alguns anos atrás, encontrei ela na rua. A gente: “ai, tudo bom!”, se abraçou, aquela coisa e tudo. Ficamos de nos encontrar, mas é outra vida também, os interesses são outros e a gente acaba se distanciando.

A.D. – E qual a tua visão em relação a elas assim, com o judô? Por que tu achas que elas não continuaram, por que motivo?

L.L. – Primeiro o amor ao esporte. Para tu fazeres alguma coisa na tua vida, aquele objetivo, tu tens que amar. E eu amava o judô, adorava. Era a razão da minha vida na época. Aí é como eu digo, financeiramente eu não ganhava nada, não tinha proveito financeiro. Eu tinha que viver. E eu era tão pobre que pode se dizer que eu morei em uma peça, eu, minha mãe e meu irmão. Hoje eu tenho minha casa, tenho meu carro, minha família. Mas eu fui atrás, batalhei por isso. Então, só por isso que eu me afastei do judô, por questão financeira mesmo.

A.D. – Como eram as rotinas de treinamento? Quando tu começaste a treinar também com os guris, era diferente?

L.L. – Não, o treinamento era igual. Até porque, no início era aula só com as meninas, depois os meninos. Aí foi escasseando. Um dia sai uma, outro dia já não veio, outro dia não sei o que, outro dia o namorado não deixou, outro dia “pa pa pa”. E aí foi terminando e fiquei eu. Então, eu entrava no início da aula dos meninos igual, fazia igual. Era tratada como menino igual, não tinha diferença nenhuma. Depois de um certo tempo o professor começou a me botar para ajudar a monitorar. Aí eu era monitora, ajudava a ensinar: “Põe o pezinho ali, põe o pezinho aqui, faz isso, faz aquilo”. E depois da aula eu treinava. E com o tempo eu fui me aprofundando, fui lendo muito, estudando mesmo. E daí comecei a dar aula mesmo. Eu tinha as minhas turmas. Até determinada idade era comigo. De noite treinava com os adultos. Eu era adolescente, tinha catorze ou quinze anos.

A.D. – E com esse treinamento, tu percebias alguma diferença na estrutura corporal, nos músculos? Tu estavas mais forte?

L.L. – Esse treinamento seria como uma malhação hoje para mim. Porque eu chegava, fazia um aquecimento, depois praticava as projeções. Em cada aula eu pegava, tinha aquela que era preferida minha. Eu não me lembro, só sei “sotogari”, “achibarai”<sup>22</sup>, eu não me lembro mais nada assim de nome, eu só sei fazer, isso eu sei. Ah e solo, eu adorava solo, guarda de perna. Ninguém entrava na minha guarda, nem o professor. Chegou um ponto que nem ele conseguia. Então, eu adorava.

A.D. – Tem várias fotos tuas.

L.L. – No solo. Eu adorava, e dava risada. Claro, eu tinha domínio total.

A.D. – E da questão filosófica do judô, chegou a interferir na tua vida?

L.L. – Isso sim, interfere a filosofia, porque tu carregas isso para o resto da vida. Então, aquela coisa assim: “ah não esquentá”, sabe? As pessoas diziam assim: “Ah, tu é calma, tu

não tem problemas”. O pessoal diz assim: “Lá vem a Léa que não tem problema nenhum”, e eu digo: “Como que eu não tenho? Tu não sabes.” “Ah, mas tu nunca te queixas”. Isso aí é tudo filosofia do judô. Aquela coisa da paciência, tu chegar lá. Se bem que eu acho que eu já era uma pessoa assim, mas a filosofia ajudou muito. Eu sou assim, eu sei que vou conseguir, mas eu tenho que batalhar por aquilo que eu quero. Até meu cunhado que disse: “Tu és muito certinha”. E, realmente, para mim aqueles fundamentos, a honestidade, sinceridade, isso aí é fundamental. Principalmente a sinceridade. Mentiu para mim, ta roubado. Eu descobri, é para roubar. Então, isso aí eu acho que tu leva para a vida.

A.D. – E tu recebias algum comentário? Se tu sentias algum tipo de preconceito na época?

L.L. – Muito. Senti, como eu te disse, até na família. Os tios ficavam meio... Não era comum, não era nada comum. Então, a gente sentia preconceito dentro do judô, na família, aonde vai. Tem aqueles: “Olha, a primeira faixa preta!”, aí todo mundo “legal, legal”. Mas umas que outras olhavam meio assim. Então, no fundo, a gente sente, não precisa te dizer, tu sentes o preconceito das pessoas. Claro que hoje é natural, já é tratado com mais normalidade. Mas em geral garanto que vocês ouviram falar alguma coisa, ainda hoje. Porque eu vejo no futebol muita coisa, que agora acompanhado uma guria também. Claro, agora os colégios estão dando futebol, handebol. Mas esses esportes onde existe confronto, onde existe a força - é claro que no judô não se usa a força, todo mundo se engana, mas associam, - existe o preconceito e sempre vai haver eu acho. Nunca vai ser uma coisa feminina.

Desconhecida 1 – Tu citarias algum nome, alguma referência? Teu professor, ou alguém da época da federação?

L.L. – Cito o Ricardo Gaston, que foi uma pessoa super amiga fora do judô, super amigo, amigo mesmo. Me dava muita força, como presidente, como dirigente. Ele valorizava as pessoas também, uma pessoa muito legal. Ele era meu professor. Só que como na época eu era adolescente, e a minha criação era aquela o mais velho fala o jovem... E o adolescente na época não era esse que hoje trata as pessoas como “tu”, como “esse”, é bem diferente. Então, como eu te disse, depois com a experiência de vida tu vais mudando, tu vais

---

<sup>22</sup> Golpes do Judô.

mudando teus valores, tu vais vendo as coisas erradas, e aí tu põe para fora. Mas na época, eu era adolescente, eu tinha aquilo, eu obedecia as pessoas. Eu obedecia a minha mãe, obedecia o meu professor, eu respeitava as pessoas. Podia ficar revoltada, mas nunca botava para fora aquela coisa. Hoje não, hoje até não digo: “não pisa nos meus pés senão”. Eu dou nos dedos.

A.D. – Quando tu começaste, tu acreditavas que o judô também aqui no Rio Grande do Sul iria crescer nessa proporção que tem hoje? Tu buscavas isso?

L.L. – Eu buscava isso. Queria o desenvolvimento. Tanto é que quando eu fiz o exame de faixa preta, eu disse: “Vou passar para esse exame porque uma mulher tem capacidade”. E foi, e eu digo: “Olha, está aqui a faixa preta”. Depois eu tirei a faixa preta. Eu sabia que não ia mais adiante, porque o que eu poderia acrescentar era só mais uns palitinhos na taça. Eu não ia lutar, não ia fazer mais alguma coisa, a não ser a divulgação. Mas a divulgação eu fazia, mas eu teria que ter mais uma persistência. Mas é como eu digo: a persistência eu tinha que escolher entre o progredir na vida ou estagnar no judô. Então, estar na luta quase que engloba, porque até hoje eu garanto que vocês estão lutando por isso, para ter perante a igualdade de sexo dentro do esporte.

A.D. – Das pessoas que tu citaste, que eu acho que te ajudaram, qual foi uma boa incentivadora para poder incentivar os professores a dar aula para os outros alunos?

L.L. – O contexto feminino mudou também. A mulher começou a procurar, a se emancipar, entrar na política. Agora já tem mais mulher na política, já tem mulher senadora. Até os anos 1980 a mulher ainda se escondia, e isso é um problema feminino. Depois é que ela começou a tomar o seu espaço. Eu saí em 1971 do judô praticamente. Eu tirei a faixa preta em 1970 e pratiquei mais um pouquinho em 1971, meados de 1972 de repente. Aí eu parei total. Botei o quimono de lado em casa e larguei. Agora só a minha profissão, nunca mais quis saber de tocar no assunto. Então, eu acho que nesse período seria mais 1975. Eu acho que mudou, melhorou. Eu também senti o mesmo preconceito, tanto que eu também não falava com ninguém, nem para as pessoas...

A.D. – Mas tu tinhas vergonha?

L.L. – Não. O pessoal já te olhava assim com cara de “sapatona”. Já ficavam te olhando então...

A.D. – Tu te sentes avaliada.

L.L. – É como eu te disse, é uma coisa que tu não precisa dizer. Claro que isso hoje, os homossexuais estão escancarando. Na minha época, para tu saberes que alguém era homossexual, “Deus me livre!”. Se era homossexual tava roubado. Imagina se nesse meio descobrissem alguém. Hoje não. Hoje tu tens amiga lésbica, eu acho. O que que tem? Qual é o problema? Eu simplesmente penso assim. Tinha, como sempre, mas era muito pouco, bem menos. É aquela coisa: ou tu eras lésbica ou tu vivias com todo mundo, uma única mulher no meio de um monte... E realmente, o meu namorado foi do judô. Meio de paixão eu digo, o primeiro. Tudo de bom. Até não fui de bons namorados. Tive ele, adorei ele, gostava muito dele, não deu certo e tudo. Aí me dediquei a carreira, vou estudar, vou trabalhar, eu digo: “eu quero comprar o meu apartamento, minha casa”. E consegui graças a Deus. Com 24 anos eu estava com meu apartamento e tudo certinho. Aí conheci o meu marido no serviço, eu disse: “bom, agora seja o que Deus quiser”, e estou aí, bela e faceira, com uma filha. Comecei tarde, também porque, às vezes, até ela diz: “eu queria fazer como tu mãe, quero ter tudo e aí depois sim casar, encomendar neném, para poder dar tudo de bom para o neném”.

A.D. – Eu queria agora fazer uma pergunta para as três, que eu até não fiz essa pergunta da vida de vocês. Por que vocês incentivariam as pessoas a fazer o judô?

L.L. – Primeiro porque é um esporte como qualquer outro. Segundo por causa da filosofia. Eu acho que educa. Claro que tem muito do professor, mas isto não sei se vocês compactuam comigo, mas quando eu dava aula era exigido um comportamento fora do “dojo”. A gente estudava, ensinava aquela filosofia, método de vida, aquela coisa japonesa, oriental. Então, é como eu te disse, eu inovei. Sinceramente eu nunca tinha pensado. Hoje com a tua pergunta eu digo: “mas realmente eu mudei a minha vida com aquele aprendizado que eu tive”. Ter paciência de esperar, tu batalhar por aquilo que tu queres, traçar metas. Então, no inconsciente, eu fiz tudo como eu aprendi no judô. Eu acho que como ensinamento é muito válido.

Desconhecida 2<sup>23</sup> – No meu caso, eu aconselharia, porque acima de tudo é um esporte. É um esporte com o qual se tu tiveres a sorte de ter um professor que te faça ver tudo isso que a Léa falou, porque isso infelizmente está morrendo. O judô é competitivo, querem resultado. E essa filosofia está morrendo. Infelizmente é isso.

L.L. – Vai do aluno procurar.

Desconhecida 2 – Vai do aluno, mas, muitas vezes, por ser um esporte, ele quer participar, gosta de competição, esse tipo de coisa. Mas no caso, eu como ainda sou à moda antiga também, eu procuro passar para os meus alunos o que eu aprendi.

L.L. – Até é ruim por um lado hoje, como tu diz, se é competição, aquela coisa de briga de rua, os “bad boys”, como tu ensina também eu ensinava. Aluno meu nunca brigou na rua por nada.

Desconhecida 2 – Então, seria nesse sentido. Por ser um esporte e fazendo com que esse esporte, claro, que te traga benefício para tua vida, tanto para parte espiritual e a parte física, porque os dois caminham juntos. Eu particularmente acho que a parte espiritual é o principal, aí depois o resto vai se conseguindo, porque a cabeça comanda tudo. Nessa filosofia do judô, o esporte judô.

Desconhecida 1 – Eu indicaria o judô pelos mesmos motivos delas. Porque o judô tem uma disciplina que eu acho perfeita, se tu tiver a sorte de pegar um professor que continue ensinando isso, e porque realmente acho que é um esporte. Acho que todo ser humano deveria fazer, praticar um esporte. E uma coisa que eu acho muito interessante no judô, é que ele é um esporte que é para qualquer tamanho de pessoa, para qualquer peso de pessoa. Isso é uma coisa que eu acho muito legal no judô. Uma pessoa tem 48 quilos e a outra tem 120 quilos, as duas conseguem praticar o judô. O cara tem 1 metro e cinquenta e o outro cara tem 2 metros de altura, conseguem praticar o judô. Só por esse fato aí eu já indicaria o judô. E qualquer esporte, não somente o judô. Todo mundo deveria fazer obrigatoriamente, como tu és obrigado a respirar. Juntando a atividade física, juntando a disciplina, juntando

---

<sup>23</sup> Iara Mary da Cunha Pazos ou Eliane Pintanel Teixeira Prondrynski.

a beleza que o judô tem, é importante, não masculiniza a mulher. Tu podes ver, nenhuma aqui é “porrada”. É por isso que recomendamos fazer judô pessoal!

A.D. – Então, eu queria agradecer as convidadas hoje, a Eliane e a Iara, e queria agradecer muito a ti Lea, pela tua disposição. Muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]